



Sob o Mastro do Divino Espírito Santo: uma noite de cores e ritmos no bairro de Santa Lúcia

Priscila Dias Alkimim 

Mestra e Doutoranda em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Graduada em Direito pela UNIMONTES.

Email: prialkimim@gmail.com

Fabio Luiz Pimentel 

Doutorando do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

Email: fabioluizpimentel@gmail.com

Enrico Spaggiari 

Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Email: enricospaggiari@gmail.com

Resumo

Este texto é uma síntese narrativa de olhares, interesses e estilos de escrita - particulares e complementares - de três pesquisadores/as que, durante as Festas de Agosto de Montes Claros em 2023, buscaram apreender as múltiplas camadas e significados de um evento marcado por diferentes temporalidades, sociabilidades e experiências de cidadania. Mais do que um mero cenário, a cidade - aqui entendida também a partir de suas pequenas multiplicidades - é uma dimensão constitutiva da festividade, como bem revela o trabalho de campo que acompanhou, ao longo de uma noite, um contexto etnográfico específico: o Mastro do Divino Espírito Santo no bairro de Santa Lúcia (Montes Claros/MG).

Palavras-chave: Etnografia; Festa; Cidade; Montes Claros.



Under the Mast of the Holy Spirit: A Night of Colors and Rhythms in the Santa Lúcia Neighborhood

Abstract

This text is a narrative synthesis of the perspectives, interests, and writing styles—both individual and complementary—of three researchers who, during the 2023 August Festivities in Montes Claros, sought to grasp the multiple layers and meanings of an event marked by different temporalities, forms of sociability, and experiences of urban life. More than a mere backdrop, the city—understood here also through its small multiplicities—is a constitutive dimension of the festivity, as revealed by the fieldwork that followed, over the course of one night, a specific ethnographic context: the Mastro do Divino Espírito Santo in the Santa Lúcia neighborhood (Montes Claros, MG).

Keywords: Ethnography; Festival; City; Montes Claros.

Introdução

Noite de sexta-feira, segundo dia de trabalho de campo do exercício etnográfico realizado pelo núcleo Cidadino (Unimontes) durante as Festas de Agosto e do Festival Folclórico de Montes Claros de 2023. Enquanto parte da equipe ficou responsável por acompanhar a festividade na Praça da Matriz, outro pequeno grupo de pesquisadoras e pesquisadores se deslocou para uma região afastada da área central da cidade, que concentrava a maioria das atividades festivas.

No dia anterior, a reunião dos ternos para o Mastro de São Benedito fora na Associação dos Catopês, em Morrinhos. Nesta noite, dedicada ao Mastro do Divino Espírito Santo, o encontro estava marcado para o bairro de Santa Lúcia, às 19h30. Seria a partir dali que o cortejo seguiria em direção à Igreja do Rosário, no centro da cidade. Novamente, seis ternos diferentes iriam se reunir para o cortejo: três grupos de catopês, duas marujadas e um grupo de caboclinhos, cada um com seu próprio mestre.

Este relato, elaborado como uma síntese narrativa de olhares, interesses e estilos de escrita - particulares e complementares - de um trabalho de campo coletivo, busca explorar como as atividades e percursos ao longo de uma noite, em um contexto etnográfico específico - o Mastro do Divino Espírito Santo no bairro de Santa Lúcia (Montes Claros/MG) -, provocam transformações nas dinâmicas urbanas de outras regiões de Montes Claros que muitas vezes não integram o circuito festivo, o que desvela diferentes temporalidades, sociabilidades e experiências cidadinas.

O bairro em festa

Chegamos ao local no horário indicado na programação, sabendo, porém, que a temporalidade do evento não seguia necessariamente a agenda prevista. Foi fácil identificar o local definido como ponto de concentração inicial do cortejo por conta da presença de guardas municipais e agentes da MCTrans, que acompanhavam, a poucos metros da casa, a ainda pequena movimentação de algumas pessoas que observavam, na rua, os preparativos para o cortejo. Como já havíamos notado no dia anterior, esses agentes estavam presentes para viabilizar o deslocamento do cortejo até a região central, pois as ruas inseridas no trajeto não eram fechadas antecipadamente. Foi possível notar, também, que as atenções e preparativos estavam direcionados a uma das casas da rua, toda decorada de vermelho. Com os portões abertos, a casa já estava preparada para receber os grupos participantes. A garagem abrigava o altar com a bandeira do Divino Espírito Santo.

Assim que nos sentamos na calçada em frente à casa, uma senhora, a dona da casa, que estava coordenando os preparativos, de forma espontânea trouxe duas cadeiras de plástico. Um rápido contato que abriu a possibilidade de uma rápida conversa. Ela afirmou que a bandeira estava com a família há um ano. Geralmente, as pessoas que pegam a bandeira estão fazendo promessas, mas, no caso desta família, a mãe e a filha o fizeram para agradecer ao Santo as suas vidas, pois “Elas têm tudo!”. Relatou, ainda, que há todo um processo para conseguir abrigá-la, como entrar e fazer parte de uma longa fila de espera, bem como decorá-la, no caso, de pano vermelho e lantejoulas douradas. A bandeira passa por um processo de avaliação popular dedicado a julgar se a decoração está a contento. Além disso, a família que fica responsável pela bandeira a cada ano se compromete com a comensalidade já esperada:

oferecer três jantares aos cortejos de catopês, marujos e caboclinhos. O que, segundo ela, demandou, naquele ano, muitos quilos de alimentos.

Havia ainda pouco movimento na rua quando começaram a chegar os ternos de catopês, marujos e caboclinhos. O primeiro grupo, de catopês, chegou por volta das 20h30. Enquanto desciam a rua, o grupo, composto de mulheres e homens que cantavam e tocavam instrumentos, ocupando grande parte da via. Em seguida, começaram a entrar e se agrupar, na medida do possível, na pequena garagem da residência. Em frente ao altar feito pela anfitriã entoavam cânticos e rezas.



Figura 1: Altar na garagem da residência em Santa Lúcia. Foto: Priscila Dias Alkimim.

Pouco tempo depois, a paisagem sonora ganhou novos elementos conforme o primeiro terno de marujos despontava na esquina. Conforme se aproximava da casa e ao perceberem que o grupo dos catopês ainda não havia terminado os cânticos em frente ao altar na garagem, os marujos pararam na rua, quase na altura da casa, organizados em suas posições, em silêncio, para ouvir os cânticos dos

catopês e aguardando a saída do grupo. A mesma sequência ritual de encontros, interações e silêncios entre os ternos seria observada ao longo daquela noite. Após finalizarem os cânticos e rezas, o grupo de catopês saiu da garagem, mas sem dar as costas para o altar. Enquanto a marujada, composta só de homens munidos de violas para entoar os seus cânticos, iniciava seu cortejo, os catopês se dirigiam a uma mesa, posta na calçada em frente da casa, em que era servido lanche e refrigerante aos participantes.

Ao mesmo tempo, ganhava destaque a presença de um mamulengo, um grande boneco de uma figura feminina, em cores vermelho e preto, que lembra os fantoches típicos do nordeste brasileiro, especialmente do carnaval de Olinda. Na garagem, os marujos entoavam cânticos e rezas; na rua, o mamulengo rodava ao ritmo dos batuques, com seu corpo rígido e braços articulados, e interagia com o público. Crianças e adultos que observavam os cortejos eram abordados pelo mamulengo e, assim, eram convidados a se integrar, mesmo que pontualmente, às dinâmicas da festividade.

Esse, inclusive, é um elemento importante do evento. Além dos participantes vinculados aos ternos, foi interessante observar, nos diferentes dias, o modo como parte da população montesclareense, que não está diretamente ligada ao evento, vivencia e se relaciona com as festas. Seja durante os cortejos diurnos, quando a ritualidade festiva “invade” o tempo cotidiano da cidade, como pudemos observar nas interações entre trabalhadores e trabalhadoras do comércio que saíam às ruas, mesmo que por poucos minutos, para acompanhar a passagem dos grupos; ou durante os shows e apresentações do Festival Folclórico na Praça da Matriz, momento em que a festa é vivida para além de seus elementos religiosos e tradicionais.



Figura 2: Terno de Catopês na rua em Santa Lúcia. Foto: Priscila Dias Alkimim.

Em Santa Lúcia, especificamente, foi possível observar como a festa transforma os tempos e espaços de uma região que, normalmente, não integra os itinerários da festa. Aos poucos, conforme os cortejos despontavam nas esquinas da rua, apropriando-se do espaço, o público presente aumentava, formado por familiares de participantes, moradoras e moradores da rua e, também, do bairro de forma geral. Curiosas, as pessoas chegavam aos poucos e, ainda que de forma tímida, alocadas nas calçadas para não atrapalhar a movimentação dos grupos, interagiam de diferentes formas com as performances festivas. Algumas tiravam fotos, outras se reuniam e conversavam entre amigos e vizinhos, por vezes reconhecendo algumas das pessoas que integravam os ternos. Em meio aos pequenos agrupamentos espalhados pela rua, percebia-se pequenos núcleos familiares que chegavam, inclusive, a ter uma combinação de integrantes de diferentes ternos (pai marujo, filho caboclinho).

Vale destacar a presença de uma senhora, também moradora da rua que abrigava a festa naquela noite. Parada ao nosso lado, a vizinha observava atentamente a movimentação na rua e na garagem com o altar. Intrigada pela presença do mamulengo, ela nos perguntou se sabíamos o que era aquela figura e o que simbolizava na festa. Naquele momento ainda não sabíamos, infelizmente. Mas isso não a impediu de tentar dirimir outras dúvidas. A interação com vizinha permitiu perceber que, a despeito da grande

mobilização cidadina que envolve as Festas de Agosto, algumas pessoas, principalmente aquelas de bairros mais afastados da região central, talvez não consigam ter o mesmo engajamento e pouco sabem sobre as práticas relacionadas ao evento. No caso da vizinha, a relação com a festa se deu naquela noite específica, por conta de a casa da frente abrigar a bandeira naquele ano.

O tempo da festividade permite a construção de outras relações específicas dentro daquele contexto. Um guarda municipal tirou uma foto com um catopê e perguntou: “pegou o *look* inteiro?”. Esse catopê, um jovem preto que mora no bairro Vila Anália, bairro periférico da cidade, estava acompanhado da esposa e filho pequeno. Afirmou que estava feliz em fazer parte do cortejo e com o reconhecimento em torno dos catopês. Falava com orgulho sobre o mestre do terno. Alguns minutos depois, perto dali, aquele mesmo guarda municipal, agora junto com mais dois colegas, tirava fotos novamente, mas dessa vez com alguns marujos.



Figura 3: Marujos e policiais para fotografia. Foto: Priscila Dias Alkimim.

A aglomeração de pessoas próximas à casa aumentava com a chegada de mais ternos. Os grupos de marujos, catopês e caboclinhos que já tinham feito seus rituais em frente ao altar, comiam e bebiam as ofertas da dona da casa e confraternizavam com seus familiares, amigos, colegas de terno e, também,

com os vizinhos que acompanhavam, curiosos, a celebração. Uma destas vizinhas, aquela mesma que tinha inúmeras dúvidas, naquele momento quase já integrada à festividade, oferecia copos d'água aos caboclinhos.

Apontamentos finais

“Ora, Deus, ora, Deus, até para o ano!”, dizia a canção de despedida de um dos ternos que se preparava para o início do cortejo que seguiria para o centro da cidade. A dinâmica festiva daquela noite no bairro de Santa Lúcia permitiu apreender algumas camadas e significados de um evento marcado por diferentes temporalidades, sociabilidades e experiências de cidadinidade.

As práticas e performances observadas, de forma situacional, ao longo de uma noite, a partir de um evento específico, desvelam como as Festas de Agosto também devem ser compreendidas em relação aos contextos urbanos as constituem e às múltiplas experiências de cidadinidade mobilizadas em diferentes espaços e escalas. Portanto, mais do que um mero cenário, a cidade, aqui entendida também a partir de suas pequenas multiplicidades, é uma dimensão constitutiva da festividade.